

**TRAÇOS DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NAS OBRAS *O GRANDE GATSBY* (1925) E *CLUBE DA LUTA* (1996)**Prof<sup>ª</sup> Dda. Liliam Cristina Marins Prieto (Orientadora/UEM)<sup>1</sup>Gabriela Bruschini Grecca (G-UEM)<sup>2</sup>

164

**RESUMO:** Este artigo tenciona fazer uma exposição dos resultados de um estudo realizado na área da Literatura Comparada sobre as obras estadunidenses *O grande Gatsby* (1925), de F. Scott Fitzgerald e *Clube da luta* (1996), de Chuck Palahniuk. Observou-se, durante o percurso, que as diferenças entre as obras se caracterizaram majoritariamente por um conflito de gerações do início e do final do século XX. A persistente recusa a reagir perante os fracassos do sistema capitalista de *O grande Gatsby* já é insustentável para Tyler Durden em *Clube da luta*. O resultado pôde ser alcançado ao se analisar as mudanças sócio-culturais que aconteciam em cada época, em decorrência da re-significação das organizações manipuladas diretamente pelo sistema econômico.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; historicização; literatura estadunidense; *O grande Gatsby*; *Clube da luta*.

**Introdução**

O presente artigo é resultado de um projeto de pesquisa que se propôs a estudar a identidade do sujeito inserido no panorama aqui apresentado, cujo principal foco é a relação entre literatura e história. Atualmente, renuncia-se a uma visão que corrobore com o chamado *marxismo vulgar* – termo usado pelos críticos contrários à perspectiva materialista-histórica para se referir à suposta tentativa de encontrar reflexos exatos de uma determinada sociedade no meio literário – pela incompatibilidade que essa versão apresenta em relação aos pontos que se pretende estudar. Na verdade, não é possível recorrer à literatura como uma forma de relato documental, no qual as palavras estariam

---

<sup>1</sup> Liliam Cristina Marins Prieto – Professora da Universidade Estadual de Maringá. Lattes <http://lattes.cnpq.br/7387068825282075>

---

<sup>2</sup> Gabriela Bruschini Grecca (Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá). Maringá/PR – Brasil. [gabrielabgrecca@hotmail.com](mailto:gabrielabgrecca@hotmail.com) Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2861940283194621>

imersas na obra simplesmente por uma função mecânica, seja ela reveladora ou denunciadora. Porém, sendo as palavras já significativas no momento em que são enunciadas, pois nunca estão isoladas de um contexto de enunciação, é inquestionável que “as culturas dependem dos seus meios de tradução, estando o aparecimento da *literacy* ligado a uma mutação profunda de uma sociedade” (LE GOFF, 1990, p. 44). Desta forma, tencionou-se, através da linha materialista, fazer uma revisão dos elementos literários – enredo e temas, por exemplo – configurados na situação de produção das obras, que permitem que haja uma determinada abertura para certas formas de interpretação e não outra. Este fator ocorre na medida em que o contexto situacional permeia os enunciados de uma obra. Sendo ele variado, pois cada leitor se localiza em um diferente tempo/espaço, suas formas de interpretação se tornam múltiplas, porém nunca desconexas da conjuntura na qual ocorre uma nova leitura do texto.

No caso desse estudo, tal revisão dependeu da análise íntima das transformações culturais relacionadas às mudanças econômicas de uma nação. Apesar de nem sempre a ligação entre ambas ser óbvia, algumas vezes fugindo da simplificação ‘inerente’ ou ‘oposta’, ela sempre existe. Por isso, tanto não pode ser ignorada quanto não pode ser resumida a relações de causalidade. A partir da seleção de duas obras, duas passagens deste sistema na história estiveram em evidência: *O grande Gatsby* (1925), de Scott Fitzgerald, representando um período de ascensão do capitalismo financeiro no mundo, caracterizado pela hegemonia estadunidense e pelo livre-mercado irrestrito, e *Clube da luta* (1996), de Chuck Palahniuk, em uma era já cunhada por Drucker (1999) como pós-capitalista. Este termo não se refere a uma postura nem anticapitalista nem de ultrapassagem desta formação econômica, segundo o autor, mas, sim, ao fato de que suas estruturas e divisão inicial de classe já estão superadas e, no entanto, ainda não houve a “morte” completa da ideologia pela continuidade do domínio das instituições que dela resultaram e continuam fortes no mundo atual.

Esses dois momentos foram necessários para uma análise comparativa que abrange longitudinalmente mudanças culturais gritantes e desse fato provém a justificativa da escolha dos romances. A importância de dissertar sobre este processo está nas questões que a historicização pode ajudar a proporcionar em futuras análises. Portanto, a fim de orientá-las, foi necessário, em primeira instância, marcar quais são esses questionamentos – por exemplo, como as mudanças sócio-econômicas são filtradas e alteram a posição do sujeito na sociedade – o que garante a futura continuidade da pesquisa.

Não apenas os elementos sócio-históricos são essenciais para lançar o olhar sobre uma obra, pois, como já foi dito, eles inevitavelmente aparecem no momento em que ela é escrita. No entanto, pela emergência dos estudos multiculturais e da situação da identidade do sujeito contemporâneo, acreditou-se que com um panorama da ideologia econômica que mudou o cotidiano das pessoas, mesmo as que mais tentaram dela se distanciar, é possível dar um primeiro passo para examinar os efeitos na constituição da sociedade e a localização da importância que a subjetividade nela desempenha.

Estes não se limitam ao impacto do poder de compra das pessoas, mas compreendem, por exemplo: o surgimento da filosofia contemporânea (que deixa de se preocupar com a maneira clássica de buscar a verdade universal, mas volta-se para as especificidades); a acessibilidade de produtos que acompanham um ritmo de vida rápido; as mudanças comportamentais; as relações tornadas líquidas (BAUMAN, 2004), entre outros. Ao clarear correlação cultural e econômica que este artigo se propôs a examinar, caminhos poderão ser abertos para diversos estudos mais profundos sobre cada uma dessas correntes que afeta o dia-a-dia das pessoas.

O objetivo da pesquisa, portanto, foi buscar os traços no livro que tragam as lembranças dos períodos presenciados pelos autores, Fitzgerald e Palahniuk – não só aos dados que possam ser comprovados historicamente, mas à própria crítica pessoal de cada um, que constituíram, nesta via interpretativa, visões sobre o sentimento que duas

culturas se imbuíram ao incorporar as modificações de grande proporção que o sistema capitalista inseriu em suas vidas. Para tanto, outras metas foram buscadas: estudar o panorama histórico-econômico e realizar uma leitura das obras e das críticas já feitas a elas.

Portanto, a metodologia se manteve exclusivamente bibliográfica, com um adendo para a inserção da pesquisa histórica, e permaneceu com uma natureza qualitativa. Este último significa que o estudo não teve como preocupação elaborar estatísticas sobre qualquer aspecto. Pelo contrário, visou principalmente examinar o processo em si e seus desdobramentos.

### **Principais correntes teóricas**

Como já mencionado, este artigo se utilizou de métodos bibliográficos e historiográficos. Para sustentar a seleção de teóricos, no âmbito da Historiografia, procurou-se dar a preferência àqueles que possuem um acervo de estudos sobre o século XX, que ambienta ambas as obras, e sobre a relação entre o curso deste século com as formações econômicas contemporâneas.

Em relação a este último tópico, encontrou-se em Hobsbawm (1995) um suporte teórico que orientou o entendimento dos “tipos” de capitalismo que predominavam em cada época das obras. No período de escritura de *O grande Gatsby*, os anos vinte, os Estados Unidos assumiam a posição de hegemonia perante o resto do mundo, caso hegemonia seja um termo entendido, nas palavras de Teixeira (2008), como influência não apenas econômica, mas também cultural e militar. Isso se deveu exclusivamente ao fenômeno da Primeira Guerra Mundial ou, mais especificamente, à participação indireta do país nesta guerra de proporções globais. Hobsbawm (1995, p. 101) relata:

(...) os EUA tinham estado muito distantes do conflito, embora por um curto e decisivo período tivessem se envolvido nele. Assim, longe de perturbar sua economia, a Primeira Guerra Mundial os beneficiou espetacularmente. Em

1913, os EUA já tinham se tornado a maior economia do mundo, produzindo mais de um terço de sua produção industrial (...)

Este processo desencadeou um processo de desencantamento com o mundo expresso por vários intelectuais da época e posteriores a ela. Desde o advento da Primeira Guerra, os valores românticos metafísicos não justificavam mais a brutalidade na qual o mundo se encontrava. Assim, os novos deuses que substituíram esses valores eram o mercado, a Bolsa de Valores e o dinheiro, e a forma de louvá-los era consumindo exacerbadamente e vivendo cada minuto do *American way of life*, o que a nação estadunidense seguiu à risca, percebendo que era mais proveitoso comprar ações do que estar inserido em outra forma de trabalho. Este conjunto de fatores caracterizou a década de vinte até a quebra da Bolsa em 1929. Como expresso por Benjamin (1987), a superficialidade da vida foi ressaltada em detrimento de uma grande euforia às custas do progresso econômico. O país vivia um sonho e o despertar foi a catastrófica Grande Depressão, que assombrou a todos durante décadas até uma nova ascensão pós-Segunda Guerra.

O tom que permeia o discurso do narrador-personagem da obra de Fitzgerald, Nick Carraway, possui um teor melancólico devido à desilusão com o comportamento apático da sociedade americana em relação a tudo que não pertencesse à esfera isolada da classe burguesa. Vale como ressalva um fator interessante no tocante ao da obra, apesar de esta pesquisa não se ater ao viés da crítica biográfica: ele próprio fazia parte deste mundo. Ao mesmo tempo em que é possível observar sutis críticas em sua obra, ele dependia desta camada da sociedade para sua venda de livros e para sua afirmação de posição social. Isso, somado ao fato de o autor não ter lutado no campo de batalha durante a guerra, ao contrário de outros autores como Ernest Hemingway, deu importância à sua literatura por conseguir retratar o cotidiano dos cidadãos cercados pela realidade da política isolacionista americana. Portanto, a visão expressa nos trechos que seguirão na parte da análise não é só do personagem em primeira pessoa, mas do olhar do cidadão americano comum. Tornam-se, dessa maneira, mais seguras as evidências da posição do sujeito inserido naquele sistema, na fase em que o “livre

mercado” era sinônimo de “liberdade individual” e as medidas anti-humanistas em relação ao “outro” não sofriam recriminação pública – estas eram a condição comum.

Já em relação aos anos noventa, período em que se passa a obra *Clube da luta*, recorreu-se à teoria de Drucker (1999) sobre o contexto denominado pelo autor “pós-capitalista”. Apesar do que o termo pode suscitar, o pós-capitalismo não está além do sistema ao qual se refere, no sentido de superação. Ele também não possui cunho marxista, como era a previsão geral, anos atrás, de que todo o mundo aderiria a essa formação político-econômica. A queda do muro de Berlim em 1989 sinalizou o fim não somente dessa possibilidade como também da esperança do surgimento de uma ideologia de salvação – anticomunista e anticapitalista – ao simbolizar o fim da separação estanque entre mundo capitalista/socialista. Tornou-se entendimento geral que o mundo não poderia ser regido nem por um nem pelo outro sistema e que as características de ambos poderiam e deveriam se misturar para equilibrar algumas medidas.

A teoria pós-capitalista, por sua vez, se refere a um novo mundo que ainda conta com o domínio das instituições capitalistas, as quais, porém, aparecem com diferentes estruturas, finalidades e problemas de classes sociais. Assim, de acordo com Drucker (1999), o produto básico não é mais a mão-de-obra, mas o *conhecimento*. Isto significa que as pessoas fadadas a terem sucesso, até hoje, são os “trabalhadores do conhecimento”: os que produzem as ideias (intelectuais) e os que as vendem (gerentes).

Ao falar sobre os anos vinte, procurou-se fixar a ideia de que nesta época, com o surgimento da formação econômica capitalista, havia uma sociedade que passava a observar os preceitos metafísicos se tornando insustentáveis na época em que viviam. Portanto, passou-se a depositar a confiança na ideologia econômica como a salvação – comportamento que foi suscitado depois, mais uma vez, em relação ao comunismo. Em contrapartida, nos anos noventa o descrédito dessa perspectiva substituíra essa crença por uma visão ainda mais negativa das coisas, como se observa nesta passagem: “Talvez

os cínicos estejam com a razão quando afirmam que não existe virtude, nem bondade, nem altruísmo; somente egoísmo e hipocrisia (...)” (DRUCKER, 1999, p. 20).

Espera-se, assim, como parte da busca do “Novo Homem”:

(...) a redenção, auto-renovação e crescimento espiritual, bondade e virtude – o “Novo Homem”, para usar a expressão tradicional – voltem a existir, do que metas sociais ou prescrições políticas. O fim da crença na salvação da sociedade certamente marca uma volta para o íntimo. Ele torna possível uma ênfase renovada no indivíduo, na pessoa e pode até mesmo levar – ao menos esperamos – a um retorno à responsabilidade individual (DRUCKER, 1999, p. 20-21).

O excerto acima diz muito sobre a identidade do indivíduo no âmbito cultural da era contemporânea. Ela pode ser identificada na obra de Palahniuk pelo tom rápido e violento do personagem Tyler Durden, que reflete um reconhecimento da dificuldade desta nova busca e reage de uma forma cunhada por Bauman (2005) como o “homem sem vínculos” – isto é, que deseja e teme aquilo que quer, isso quando reconhece o que quer – em um mundo que espera sempre a aderência à fluida sociedade do consumo.

Em relação ao método bibliográfico, além de Bauman, é necessário destacar os posicionamentos dos narradores Nick Carraway e Tyler Durden (ainda que este último tenha a personalidade fragmentada na obra e se apresente bipartido). Eles são de testemunhas de realidades da nação estadunidense, os quais mesmo com setenta anos de diferença entre uma obra e outra, carregam o preceito literário de que o ato de narrar não pode mais levar a uma posição contemplativa por parte do leitor. Afinal, contemplar aquele conteúdo que provoca o sentimento de abandono e tristeza, como visto nas duas obras, cada uma com seu valor, não é uma postura verossímil. Esses conceitos são colocados por Adorno (2003) para se referir ao narrador do início do século. Porém, a partir do que será visto sobre o panorama de *Clube da luta*, também é possível adaptá-los, pois o tom pessimista se repete e se agrava no niilismo – a morte completa do sentido da existência.

## Nos bastidores da maior potência econômica mundial: análise comparativa das obras *O grande Gatsby* e *Clube da luta*

No posfácio de uma das reedições do livro *Clube da luta*, Palahniuk (2012) comenta sobre sua própria obra mencionando, coincidentemente, uma conexão com o outro romance que a pesquisadora se propôs a estudar neste artigo:

Na verdade o que eu estava escrevendo era apenas *O grande Gatsby*, mas atualizando um pouco. Era uma ficção “apostólica”, em que o apóstolo sobrevivente conta a história de seu herói. Há dois homens e uma mulher. E o homem, o herói, leva o tiro e morre.

Era um romance clássico e antigo, mas atualizado para competir com a máquina de espresso e a ESPN (PALAHNIUK, 2012, p. 267).

Apesar do tom casual do autor, ele faz, em primeira instância, uma alusão à narrativa do romance de Fitzgerald e, assim, possibilita que uma relação entre as duas obras possa ser concebida como uma das vias interpretativas. No caso de *Clube da luta*, apóstolo e herói são a mesma pessoa, Tyler Durden. A bipartição de sua personalidade simboliza uma identidade fragmentada característica do sujeito das últimas décadas do século XX em diante. O que se propôs a pesquisar foi o tipo de ligação que faz com que as mudanças históricas e econômicas criem impacto em âmbito social, cultural e mesmo, como acima mencionado, individual. Além disso, a alusão à competição do meio de circulação literário (livro) com o meio televisivo e o café instantâneo já remete à transformação completa do antigo estilo de vida da década de vinte, que ambienta o livro de Fitzgerald, para o mundo rápido dos anos noventa. Isso acarretou com que Tyler Durden perdesse a dimensão da realidade e desenvolvesse personalidades múltiplas. Todos os conhecimentos que ele desenvolve durante o livro terminam na máxima: “Sei disso porque Tyler sabe disso” (PALAHNIUK, 2012, p. 10). Ou seja, a outra metade de seu “eu” já aparece completamente dissociada.



Assim, serão pontuados alguns traços históricos do desenvolvimento capitalista em ambas as obras para proporcionar uma melhor visualização de suas divergências no que se refere à organização sócio-econômica.

### 1.1 O lugar do emprego e da instituição familiar como base da economia

No início de *O grande Gatsby*, temos o relato do narrador-personagem Nick Carraway sobre a escolha de um novo ofício para exercer após ter voltado da I Guerra Mundial e percebido que o Centro-Oeste, onde os negócios de sua família estavam, havia mudado muito para prosseguir do jeito que era antes:

(...) decidi ir para o Leste e aprender o ofício de corretor de ações. Todas as pessoas que eu conhecia estavam trabalhando com ações, de tal modo que julguei que o mercado era capaz de sustentar mais um jovem solteiro. Todas as minhas tias e tios conversaram durante dias sobre minhas intenções, tal como se estivessem escolhendo uma escola preparatória que me fosse adequada, e finalmente disseram: “Bem, está certo...”, com fisionomias muito graves e hesitantes. Meu pai concordou em financiar-me durante um ano e, depois de vários atrasos, vim para a Costa Leste, na primavera de 1922, acreditando que a mudança tivesse caráter permanente. (FITZGERALD, 1995, p 9).

Neste trecho, Carraway ilustra o tipo de ocupação com a qual as classes média e alta estavam, em sua maior parte, envolvidas. O “negócio de títulos” representa o crescimento do mercado de ações, um investimento maciço nas bolsas de valores como maneira de enriquecimento rápido, fácil e seguro. Esta crença foi difundida sem questionamento na época em que fazia parte do consciente coletivo estadunidense acreditar que esse tipo de negócio estaria em alta para sempre. Foi a generalização deste comportamento através da confiança nas ações e a garantia de prosperidade que elas passavam que levou à adoção do capitalismo como a ideologia dominante da época, levando, por exemplo, não só ao aumento do poder de compra, mas à ligação de tal ideologia com uma democracia universalizante.

Além disso, a importância do envolvimento familiar, isto é, das gerações antigas em estabelecer os ofícios das gerações mais jovens é explícita nesse trecho. De acordo com Hobsbawm (1995), a instituição familiar sempre funcionou como uma cúmplice para o desenvolvimento capitalista ocidental – em suas palavras, “um mecanismo para a cooperação social” (p. 330), pois sempre foram os “clãs familiares”, principalmente aqueles formados por uma descendência nobre ou um sobrenome prestigiado, os que estiveram vinculados à concentração de capital em suas mãos – como aconteceu com os Rockefeller e os Morgan no início do século XX. Assim, Nick precisou passar primeiro pela hesitação dos familiares ao sinalizar um desprendimento da ocupação familiar comum, a qual poderia lhe garantir permanência de emprego e *status*, e, depois, pela dependência em relação ao pai.

Esse último ponto contrasta a ideia do jovem que possui caminhos para adquirir a independência desde cedo nos dias atuais, ilustrado em *Clube da luta*. Nele, percebemos o fenômeno inverso, o da relativização da importância do vínculo familiar nas decisões do jovem. No ambiente da obra de Palahniuk, as relações são caracterizadas por sua “liquidez”, termo de Bauman que será explicado a seguir, e possuir um emprego não caracteriza mais a segurança de todo um destino:

(...) eu convivi com meu pai por uns seis anos, mas não me lembro de nada. Ele começa uma vida nova com outra família em outra cidade a cada seis anos. Isso não parece muito com ele formando uma família, e sim com ele abrindo uma franquias.

O que você vê no clube da luta é uma geração de homens criados por mulheres.

(...)

Meu pai não fez faculdade e por isso achei importante que eu fosse para a faculdade. Quando acabei, fiz um interurbano para ele e perguntei:

- E agora?

Meu pai não sabia.

Quando fiz vinte e cinco anos e arranjei um emprego, fiz um interurbano e perguntei:

- E agora? (PALAHNIUK, 2012, p.60).

Assim, como uma resultante de décadas de materialização dos resquícios metafísicos e subjetivos, até a própria instituição familiar se tornou algo à qual o pai de Durden só recorre quando percebe que é “comercializável” e, principalmente “trocável”, o que termina na alegação de Bauman (2004) de que nessa nova era há uma produção desastrosa de lixo humano, provocando o surgimento de “aterros” disfarçados sob o *slogan* da modernidade. Contesta-se, dessa maneira, a democracia universalizante idealizada nos anos vinte – não que naquela época ela já não existisse, mas, neste momento, a acumulação de lixo humano é tão grande que este é explicitamente deslocado para não contaminar os ideais progressistas.

Não só esse fator ilustra a decadência da instituição familiar, como também o fato da geração de Tyler ser uma de “homens criados por mulheres”. Com a mudança da conduta sexual após os anos sessenta, por meio da liberalização sexual e do solapamento das restrições ao divórcio (e também do aborto em algumas regiões do mundo), a opinião pública se tornou, gradualmente, um motivo cada vez inconsistente para impedir as separações formais dos cônjuges. Além do mais, a inversão da sacralização do dever masculino de preencher o espaço do domínio familiar pela representatividade feminina mudou os padrões de liderança das mulheres no trabalho e no comando da educação dos filhos como um todo, não mais apenas nos deveres domésticos.

Tudo isso fez parte de um choque de gerações, majoritariamente adulta e idosa no início do século XX e jovem em seu final. Como também não poderia deixar de sê-lo, o discurso de se ter emprego obteve uma transformação. O fato de Durden não saber o que fazer depois que conseguiu um emprego subtrai a ideia de um ofício para a vida toda, para o qual os indivíduos das gerações passadas se preparavam. De repente, obter um cargo se tornou algo tão banal que o protagonista não se sente culpado ou perdido por deixá-lo ou tentar outros tipos de ofício. Esse comportamento é auxiliado pelas reminiscências das crenças dos anos sessenta em que a juventude é um fim em si mesma e que as realizações adultas são, no mínimo, monótonas. Mais ainda, o fato de

nem o próprio pai de Tyler saber o que ele faria com seu diploma já mostra um rompimento total com o pai de família como o ditador da verdade e de todo um destino.

## 1.2 Classes sociais e o lugar da revolução

A obra de Fitzgerald é ambientada no cenário do leste burguês estadunidense, predominantemente nas baías de East Egg e West Egg. Ambas, apesar de suas diferenças, caracterizam-se pelas residências das classes alta e média. Porém, apesar do comportamento isolacionista dos subgrupos da sociedade (os já chamados de “clãs” familiares), ao fazerem viagens a passeio/negócios para Nova York, os personagens representantes da elite invariavelmente precisam passar pelo “vale das cinzas”, único lugar no livro que faz menção à classe operária.

(...) um vale de cinzas – um fazenda fantástica onde as cinzas crescem como o trigo e como as cumeeiras, colinas e grotescos jardins; onde as cinzas tomam a forma de casas, chaminés e fumaça que evola e, finalmente, num esforço último, de homens que se movem indistintamente, logo se desintegrando no ar poeirento. De vez em quando, uma coluna de vagões cinzentos arrasta-se por trilhos invisíveis, lança um estalido horripilante e detém-se – e imediatamente os homens cinzentos sobem aos vagões, munidos de pesadas pás, e levantam uma nuvem impenetrável, que esconde de nossos olhos suas operações obscuras (FITZGERALD, 1995, p. 26).

Apesar da imagem principal dos anos vinte sobressaltar a riqueza e o estilo de vida exuberante do país, em proporções nunca antes vistas, vale ressaltar que os privilegiados compreendiam apenas dois por cento da população do país. Os outros noventa e oito não tiveram sequer um vislumbre dessa situação e viviam em situação de miséria e desemprego crescente devido à substituição pelas máquinas. A construção em *O grande Gatsby* em termos de ambientação representa como cada setor da alta sociedade foi dominando cada parte que lhe apetecia e o único lugar que resta para representar a classe trabalhadora é sujo, poluído e esquecido – apenas uma ponte pela

qual tais personagens precisam passar, sem despertar qualquer tipo de consciência crítica.

Como já mencionado, o próprio escritor não se posicionava contra a sociedade de um modo radical por pertencer a ela e isso influenciou sua produção literária inteira. Nos ensaios compilados por Edmund Wilson em *The Crack-up*, Fitzgerald (1993) relata que os acontecimentos do início da *Era do Jazz*, termo cunhado pelo próprio autor, deixaram a todos mais “cínicos do que revolucionários” e que “era característico da Era do Jazz que não houvesse interesse algum em política”<sup>3</sup> [tradução da pesquisadora]. Não se pode descartar também o fato de os Estados Unidos não terem uma tradição forte de esquerda, uma vez que as teorias revolucionárias só vão ganhar real destaque com a organização da Nova Esquerda Americana dos anos sessenta. Portanto, na década de vinte, esses ideais não estavam impregnados de forma a provocar grandes mudanças e, assim, prevaleceu o modo de se encarar as diferenças sociais com mais cinismo do que resignação.

Por outro lado, Tyler Durden é o representante direto tanto da voz do proletariado como do desejo revolucionário:

Durante milhares de anos os humanos foderam, sujaram e fizeram merda com este planeta e agora a história espera que eu limpe tudo. Tenho que lavar e amassar minhas latas de sopa. E dar conta de cada gota de óleo de motor usado.

E tenho que pagar a conta do lixo nuclear, tanques de combustível enterrados e terra cheia de lixo tóxico jogado lá uma geração antes de eu nascer (PALAHNIUK, 2012, p. 154).

O tom de inconformismo e agressão de Durden reflete as décadas de repressão, as quais ele se sente no dever de exteriorizar. Logo, a menção ao lixo nuclear traz o caso específico da descoberta das bombas nucleares e os massacres cada vez mais massivos que isso acarretou para o mundo como um todo. Após a explosão desses

---

<sup>3</sup>“cynical rather than revolutionary (...) it was characteristic of the Jazz Age that it had no interest in politics at all” (FITZGERALD, 1993, p.14)

acontecimentos, ele expõe a sensação de que os trabalhadores sejam responsáveis por terem que arcar diretamente com as decisões, nem sempre juntas, feitas pelos grandes nomes políticos e empresariais. Para superar esse destino de apenas cumprir tal papel, Tyler crê não apenas na abstinência de bens materiais – essa seria a primeira instância –, mas também na contribuição para a superação dos dogmas tradicionais ocidentais sobre como se viver. Portanto, indica que não apenas o isolamento é a solução, mas também organizar uma transformação no formato revolucionário:

(...) não estou em perto de chegar ao fundo do poço. (...) Não adianta apenas ter abandonado o dinheiro, bens materiais e o conhecimento. Isso não é apenas um retiro de fim de semana. Deveria estar me afastando do autoaperfeiçoamento e correndo em direção ao desastre (PALAHNIUK, 2012, p. 83).

Inclusive, o próprio fato de Tyler se bipartir em duas identidades durante o livro já demonstra o conceito de Marx da necessidade da luta dos contrários em interação constante, já que na tentativa de solução desses contrários há a construção de uma identidade única, baseada na diferença.

### 1.3 A sociedade do consumo

Nick Carraway, quase ao final do livro, descreve o mundo da alta sociedade através do que observa constituir o contexto de sua prima de segundo grau, Daisy Buchanan:

(...) seu mundo artificial tinha o aroma de orquídeas, de um esnobismo agradável e jovial, de orquestras que lançavam o ritmo do ano, resumindo a tristeza e curiosidade da vida em novas canções. A noite inteira os saxofones gemiam o comentário desesperançado de Beale Street Blues enquanto uma centena de pares de sapatinhos dourados e prateados se arrastava na poeira cintilante. Na hora do chá, havia sempre salões que palpitavam sem cessar com essa febre baixa e doce, enquanto rostos jovens vagueavam aqui e ali como pétalas de rosa sopradas pelos tristes instrumentos ao redor do salão. (FITZGERALD, 1995, p. 151).

Ao mencionar o ato de frequentar as orquestras que ditavam o ritmo do ano, o contato com a música (em específico, o *jazz*) se torna o exemplo de produto de consumo daquela sociedade, como o *Beale Street Blues*. De acordo com Coben (1976), o *jazz* daquela época foi extraído de determinado ritmo africano, porém “suavizado e semi-sinfônico, com letras sentimentais escritas numa linguagem empolada que os negros raramente ouviam” (COBEN, 1976, p. 321). Isto é, foi tirado de sua situação original, generalizado em termos de ritmo e letra com o intuito de que uma grande parcela da população de alto padrão a consumisse. A “hora do chá”, costume também importando, desta vez do britânico, mostra mais uma vez o fetichismo em relação aos objetos que perdem o conteúdo ideológico quando inseridos em um ambiente randômico, perdendo seu potencial crítico.

Em *Clube da luta*, Tyler compartilha desse ponto de vista sobre a sociedade de consumo ao descrever os “procedimentos” de escravização do homem pelos objetos e, depois, ao pontuar a alienação que os meios de comunicação podem promover:

Você compra móveis. E pensa, este é o último sofá que vou precisar na vida. Você compra o sofá e fica satisfeito durante uns dos anos porque, aconteça o que acontecer, ao menos a parte de ter um sofá já foi resolvida. Depois precisa do aparelho de jantar certo. Depois da cama perfeita. De cortinas. E do tapete.

Então você fica preso em seu belo ninho e as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você. (...)

Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filme ou da música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora (PALAHNIUK, 2012, p.50-206).

Em suma, Tyler Durden compreende o fenômeno da aniquilação da subjetividade humana em prol do consumo desenfreado, iniciado pela sociedade da Era do Jazz, por meios controlados por entidades políticas maiores que tentam criar identidades fictícias para que a população se preocupe apenas com a superfície delas, sem causar reflexão crítica. A percepção deste movimento de dominação por Tyler desperta nele um segundo momento após a frustração de nunca adquirir o mesmo estilo

de vida proposto pela televisão, o qual se caracteriza pela sugestão de um movimento de contracultura.

Logo, apesar das divergências encontradas nas configurações de sociedade em relação ao meio capitalista no qual ambas as obras se situam – como despertar ou não uma revolução, edificar ou não o fato de ter um emprego – a caracterização principal da nação que descrevem continua a mesma: um país hegemônico cultural, econômica e militarmente. Portanto, as forças maiores de configuração fazem parte de um mesmo panorama de expansão do capitalismo dentro da sociedade: se não através de uma ditadura explícita, por meio da publicidade que favorece a propaganda da americanização.

### Considerações finais

Para concluir, pode-se dizer que as observações encontradas constituem uma das leituras que os elementos do texto possibilitam. O presente estudo não esgota o sentido dos trechos analisados, mas direcionam algumas das possíveis formas de olhar para eles que elas suscitam. Em um pouco mais de setenta anos, existiram mudanças bruscas não só nas instituições capitalistas que foram mantidas em ambas as épocas, mas também no comportamento que se adotou para encará-las, representado pelos personagens jovens adultos – da renúncia à ação à anarquia.

A mensagem que as duas obras passam, no geral, é negativa em relação ao mundo no qual elas se situam. No entanto, em *Clube da luta* há a sugestão da tomada da decisão para mudar o estilo de vida engessado pelas convenções sociais – mesmo que em um determinado momento ela beire a contra-violência – enquanto em *O grande Gatsby* não há nenhuma resolução radical na situação de nenhum personagem. É muito provável que isso se ocorra porque, naquele período, não se pensava no problema que seria quando todo o clima de prosperidade envolvente, apesar de muitas vezes velado pela hipocrisia, passasse por uma queda exponencial, e esse tipo de postura esteja caracterizado no meio literário de acordo com a interpretação de Fitzgerald.



**Referências bibliográficas**

- ADORNO, T. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Trad: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_, Z. **Identidade**. Trad: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade pós-capitalista**. Trad: Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1999.
- COBEN, S. **Os primeiros anos da América Moderna (1918-1933)**. In: LEUCHTENBURG, W. E (Org). **O século inacabado: a América desde 1900**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FITZGERALD, S. Echoes of the Jazz Age. In: **The crack-up**. Edited by Edmund Wilson. New York: New Directions Publishing Corporation, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O grande Gatsby**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad: Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PALAHNIUK, C. **Clube da luta**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
- TEIXEIRA, H. D. D. **O outro lado do American Way of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do século XX**. Rio de Janeiro: Ano 1, vol. 1, 2008.